

UFRGS - IA - DEMUS

Carlos Rafael Trajano

Causa e Efeito – Registro do primeiro EP

Trabalho de conclusão de curso de Bacharelado em Música Popular

Orientadora: Isabel Nogueira

Esteio, 19 de abril de 2022

Carlos Rafael Sanhudo Trajano

CAUSA E EFEITO – REGISTRO DO PRIMEIRO EP

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no curso de Bacharelado em Música Popular, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Música Popular.

Orientadora: Dr. Isabel Nogueira

Rio Grande do Sul,

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

RESUMO

O trabalho tem como principais objetivos descrever o processo pela qual minha banda passou (a imediato caos) até a gravação das 3 músicas que compõem nosso primeiro EP, mostrando como fiz para arranjar, ensaiar, produzir e gravar, desde maio de 2020, quando comecei a compor as músicas e escrever as letras, até novembro de 2021, quando gravamos. Vou abordar aqui a estrutura física que utilizamos, no caso, o ateliê de costura, uma garagem, e mostrar os equipamentos que tínhamos à nossa disposição, pois vale salientar que durante boa parte do tempo estávamos em isolamento, devido ao covid-19, portanto, sem a possibilidade de nos reunirmos presencialmente, tão pouco alugar um estúdio de ensaio ou gravação. É inegável a influência dessas limitações, principalmente nas motivações, que serviram de gatilho para a criação das letras. Com esse registro espero deixar um material descritivo, para que no futuro, outras bandas possam usá-lo como uma espécie de guia, um ponto de referência ou algo por onde começar, se o objetivo for, compor, arranjar, produzir e gravar.

ABSTRACT

The main objective of this work is to describe the process my band went through (the immediate chaos) until the recording of the 3 songs that make up our first EP, showing how I did to arrange, rehearse, produce, and record, since May 2020, when I started composing the songs and writing the lyrics, until November 2021, when we recorded. I will address here the physical structure that we use, in this case, the sewing studio, a garage, and show the equipment we had at our disposal, as it is worth noting that for much of the time we were in isolation, due to covid-19, so, without the possibility of meeting in person, nor renting a rehearsal or recording studio. The influence of these limitations is undeniable, especially in the motivations, which served as a trigger for the creation of the lyrics. With this record I hope to leave some descriptive material, so that in the future, other bands can use it as a kind of guide, a point of reference or something to start with, if the goal is to compose, arrange, produce, and record.

Introdução

No começo de 2020, quando decidi que o TCC seria sobre um EP, que produziria até o final de 2021, percebi o número enorme de dúvidas sobre como proceder. Precisava compor, escrever, arranjar e encontrar uma forma de ensaiar, tudo isso antes de, finalmente, realizar a gravação.

Contava com a ajuda do Anderson Ribeiro para gravar a bateria, do José Trajano para o contrabaixo, enquanto o restante (guitarra e voz) seria gravado por mim. Passei a procurar informações através de livros, trabalhos e documentários que servissem como guia, e encontrei materiais que tratavam de assuntos específicos, por exemplo, arranjo, ou produção musical, mas não achei nada que abordasse de forma mais abrangente.

Comecei a registrar, em forma de áudio, todo o processo de criação e ensaios. Nesse trabalho, registrei toda a experiência que tive, os materiais utilizados, inspirações, organização, gravação e comentários sobre a estrutura das músicas.

Espero deixar um material de consulta, para que no futuro, outras bandas e artistas possam se inspirar, e registrar, como em uma “fotografia”, essa fase da minha trajetória pessoal e do momento histórico que vivemos.

No primeiro capítulo expliquei o histórico da banda, falei da formação anterior e da atual. No segundo contei um pouco da trajetória de cada integrante, seus gostos pessoais e como começaram a tocar. No terceiro e no quarto capítulo, tratei diretamente dos assuntos que me motivaram a escrever, a corrida e as apostas esportivas. No quinto descrevi minhas estratégias para compor e como organizei os ensaios, que tiveram que ser adaptados, tanto no que se refere ao espaço físico, quanto a instrumentação. No sexto capítulo, fiz comentários sobre as letras das canções, mostrando o assunto que cada uma se refere, também comentei sobre a estrutura e escolhas nos arranjos. O sétimo capítulo, foi a parte dedicada a falar da gravação, suas etapas e forma de captação do som.

REFERENCIAIS

Essa pesquisa busca demonstrar todo o processo pelo qual passei com a minha banda, desde a composição, criação das letras, montagem dos arranjos, organização dos ensaios, pré-produção, até o dia da gravação. Através do registro de todas essas etapas, será possível que outras bandas tenham um material descritivo de consulta, condensado, e no mesmo lugar, de como trabalhar com músicas de autoria própria. A grande quantidade de materiais soltos e sem conexão a respeito desse assunto, acaba por confundir, principalmente em relação ao que diz respeito a ordem de como se costuma trabalhar. Devido a enorme quantidade de variáveis que precisa ser levado em conta, não existe uma forma única de realizar esse tipo de trabalho. Essa pesquisa busca demonstrar a maneira que encontrei e os resultados obtidos.

De acordo com Austin Kleon, no livro *roube como um artista*, nós somos a soma de nossas influências. Como ponto de partida para começar a compor busquei quais eram as minhas. Foquei nos que verdadeiramente me fizeram gostar de música e posteriormente a tocar guitarra, o rock e o reggae. Fiquei surpreso de como foi fácil de chegar a essa conclusão, ficou muito claro quais eram os tipos de música realmente atraem minha atenção, e quais escuto, ou toco apenas para fins didáticos ou por obrigatoriedade.

Foi interessante observar o quanto esses dois gêneros moldaram minha forma de tocar e pensar música. Apesar de já ter tido contato com outros estilos sempre preservei a mesma forma de realizar determinadas técnicas. Comecei a perceber que o swing presente no rock e no reggae estavam aparentes mesmo quando tocava outros estilos, um blues, ou até mesmo um samba. Pude constatar isso ouvindo gravações feitas para outras disciplinas da faculdade.

Definido o estilo passei a me dedicar ao ponto mais difícil para mim, a escrita das letras. Partindo da ideia que toda causa tem sem efeito (conceito que conheci lendo sobre filosofia Hermética, no livro *O Caibalion*), me dediquei a escrever todos os dias. Em determinados dias nem sabia sobre qual assunto escrever, mas mantive a disciplina de pelo menos tentar.

A prática da escrita diária fez com que eu ficasse mais atento sobre assuntos sobre os quais seriam interessantes escrever. Como nesse período estava treinando muita corrida de rua, comecei a relacionar os conceitos de causa e efeito com meus treinos. Foi durante um desses treinos de rodagem, que fazia sempre sozinho, que tive a ideia de começar a escrever sobre o assunto. Trouxe para as letras da banda algo que gosto muito, correr. Inclusive a ideia inicial da música que dá nome ao EP surgiu durante um desses treinos.

Outra temática que passou a me interessar durante esse período foi o das apostas esportivas. Não tenho a menor ambição de me tornar um apostador, mas acho muito interessante a forma como os profissionais enxergam esse mercado. Durante a leitura de um artigo, no site da academia das apostas, chamado o lado psicoemocional na hora de apostar (Josué Ramos), percebi que poderia aproveitar esses conceitos para produzir as letras. Mesmo se tratando

de um assunto completamente diferente da corrida, ou filosofia Hermética, percebi que o conceito causa e efeito estava presente.

É claro que não poderia deixar de falar do momento histórico que estávamos vivendo no momento, em isolamento devido a uma pandemia. Esses quatro temas, corrida, apostas, filosofia Hermética e pandemia nortearam minha escrita.

Já com as letras e as músicas criadas, comecei a trabalhar nos arranjos. Algo que me ajudou muito foi o conceito que aprendi com Ian Guest, no seu livro de arranjo, o de trabalhar a sessão rítmico-harmônica de forma separada da melodia. Então sempre que começava um arranjo procurava definir qual a função de cada instrumento. Por exemplo, focava o contrabaixo e a bateria na parte rítmica, a guitarra na harmônica e a voz na melódica. Em um outro momento os papéis poderiam se inverter, o baixo passava a ter função melódica e a guitarra rítmica. Aplicando esse conjunto de procedimentos desde o início, consegui fazer com que os ensaios se tornassem muito produtivos, porque antes já tinha definido o estilo, o assunto da letra, a melodia da voz e a função de cada instrumento.

A parte de pré-produção foi totalmente inspirada no documentário sound city, produzido por Dave Grohl. O foco principal desse documentário está no estúdio e na mesa de som, mas através dele tive a percepção da importância da gravação feita ao vivo. Foi muito motivador ver a maneira como as bandas gravavam, e os comentários sobre os erros também foram de um grande aprendizado. Por isso optei por fazer a pré-produção no mesmo estúdio onde gravaríamos o EP. Foi uma escolha muito assertiva, porque tive a oportunidade de conhecer a sala, o produtor e os equipamentos. Até esse momento não tinha quais seriam as três músicas escolhidas para gravar, estava trabalho com seis. Utilizei essa gravação para definir quais seriam as músicas escolhidas, além de avaliar os arranjos, o timbre, andamento, dinâmica, e então fazer os últimos acertos antes da gravação final.

Para a gravação final optamos por gravar um instrumento por vez. Já chegamos no estúdio com as guias prontas, com o andamento definido e muito bem ensaiados. Nos preparamos por um mês, ensaiando com as guias. A ordem da gravação foi bateria, contrabaixo, guitarra e voz. O único instrumento que fugiu do programado foi a guitarra, isso porque durante as sessões acabei experimentando algumas frases e timbres. Só consegui fazer isso porque estava extremamente seguro e convicto do resultado que estava buscando, além disso as gravações estavam fluindo bem, sem maiores problemas, então me senti segura para realizar pequenas alterações.

Com toda essa jornada descrita espero deixar um bom registro de material para outras bandas e artistas. Aprendi a importância de buscar referências fora do meio comum que estou acostumado, através de livros, blogs e documentários. Pude perceber durante o processo a importância de planejar e principalmente de enxergar os pontos importantes de cada etapa, uma organização feita de forma efetiva faz a total diferença no resultado. Quando se define os objetivos, os

prazos e as funções de cada integrante é possível avaliar o que está dando certo e o que precisa ser alterado.

SUMÁRIO

1 HISTÓRICO DA BANDA IMEDIATO CAOS	11
2 INTEGRANTES	11
3 REFLEXÃO SOBRE O SIGNIFICADO DA CORRIDA EM MINHAS COMPOSIÇÕES.....	12
4 REFLEXÃO SOBRE O SIGNIFICADO DAS APOSTAS ESPORTIVAS EM MINHAS COMPOSIÇÕES.	13
5 COMPOSIÇÃO, ENSAIOS E PLANEJAMENTOS.....	14
6 LETRAS E COMENTÁRIOS.....	17
7 ETAPA FINAL.....	24
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
LISTA DE EQUIPAMENTOS	28

1 HISTÓRICO DA BANDA IMEDIATO CAOS

A banda teve início em 2014, com o objetivo de colocar em prática algumas composições minhas, elas tinham letra e o estilo era o rock. Inicialmente seria um quarteto formado por Edson Trajano (irmão mais velho que me ensinou a tocar violão e guitarra) no contrabaixo, Henrique Trajano (irmão que me ensinou a gostar de reggae e adquirir o gosto pela composição) na voz, Luciano Czimbra na bateria e eu ficaria responsável pela guitarra. Por motivos pessoais do Henrique tive que assumir os vocais e essa foi minha primeira experiência cantando com uma banda. Chegamos a estar com mais de dez músicas nossas no repertório, mas achamos melhor não dar continuidade com a banda. Em 2015 entrei para o curso de técnico em guitarra, na Est, e foi lá que conheci o Anderson Ribeiro (baterista). Desde então mantemos contato e participamos de alguns projetos de cover juntos. Em 2020, no período da pandemia decidi retomar o projeto. A ideia era compor músicas novas e gravá-las quando fosse possível. Para tocar bateira convidei o Anderson, e logo em seguida começamos a procurar um baixista. Todo meu processo de composição foi acompanhado pelo meu sobrinho, José Trajano, filho do Edson. Apesar de viver em um ambiente muito musical ele nunca se interessou em aprender um instrumento. No entanto, vendo meu trabalho, José se ofereceu para tocar o contrabaixo, desde que eu o ensinasse. Em junho desse mesmo ano comecei a ensiná-lo e como estava focado nas composições decidi que suas primeiras lições seriam nossas músicas, então comecei a escrever as linhas do contrabaixo de uma forma que servissem de lição. Sempre que percebia alguma dificuldade técnica da parte dele usava a próxima linha do contrabaixo para ajudá-lo no processo de aprendizado. Funcionava assim: se ele estivesse com dificuldade para executar ligados, eu tratava de criar algo com bastante ligado, se o problema fosse contratempo, criava algo que o forçasse a aprender esse recurso. Dessa forma uma linha de contrabaixo ia sanando as dificuldades técnicas da anterior. Como material de apoio utilizei gravações minhas tocando essas linhas em formato de videoaula. Para nossa surpresa, em setembro, menos de três meses após as primeiras lições de contrabaixo, já estávamos realizando nosso primeiro ensaio.

2 INTEGRANTES

Carlos Rafael Sanhudo Trajano – Guitarra e Voz

Nasci no dia 28 de fevereiro de 1989, em Esteio, Rio Grande do Sul. A atividade de composição está presente na minha rotina de músico desde meus primeiros contatos com o violão, aos 13 anos, quando tentava contribuir com as músicas criadas pelo meu irmão, os estilos eram rock e reggae. Passei por algumas bandas ao longo dos anos, sempre buscando oportunidades para exercitar esse lado criativo. Em 2016 tive a oportunidade de estudar com o guitarrista James

Liberato, quando fui apresentado a outros gêneros musicais (samba e bossa-nova). Em 2018 comecei a cursar música popular, na UFRGS. O objetivo era buscar meu desenvolvimento dentro desses gêneros, porém, o desejo e o gosto pelos estilos que tocava na adolescência retornaram.

Anderson Ribeiro dos Santos – Bateria

Nascido no dia 28 de agosto de 1992, em São Leopoldo, Rio grande do Sul. Iniciou seus estudos de bateria aos 11 anos, tocando em igrejas de forma autodidata. Nesse período aprendeu a tocar violão e contrabaixo através do convívio com outros músicos. Permaneceu tocando nas igrejas até completar 19 anos, quando decidiu sair para iniciar seus estudos na faculdade EST, em São Leopoldo. Lá estudou jazz, samba e MPB com o professor César Audi. Suas principais influências são: Alexandre Aposan, Alexandre Fininho, Ivan Lopes, Eloy Casagrande, Bruno Valverde, Jay Weinberg e Jordan Mancino.

José Roberto Carvalho Trajano – Contrabaixo

Nascido no dia 26 de novembro de 1996, em Esteio, Rio grande do Sul. Iniciou seus estudos de contrabaixo aos 24 anos, com o guitarrista Rafael Trajano, para ser contrabaixista do projeto de gravação do EP. Suas principais influências são bandas de heavy metal, como, Masterplain, Dio, Angra, Shaman e Ozzy Osbourne.

3 REFLEXÃO SOBRE O SIGNIFICADO DA CORRIDA EM MINHAS COMPOSIÇÕES:

Acredito que comecei a correr em 2018, durante o período de férias do meu irmão mais velho, somente para acompanhá-lo. Quando ele retornou ao trabalho senti vontade de continuar e segui sozinho. Essa fase durou pouco tempo, porque logo em seguida conheci um grupo de treinamento e desde então correr virou sinônimo de esporte coletivo e diversão. Vieram então as provas acompanhadas com a mudança de estilo de vida (muitas vezes acordava cedo no domingo, antes do sol nascer, para realizar treinamentos mais longos). Em 2020, ano que correria minha primeira maratona (Já estava na fase final do treinamento para a prova, realizando treinos de 30Km), veio a pandemia, o isolamento social e todas as incertezas que fizeram parte desse período. Não deixei de correr, mas diminuí drasticamente a distância e a frequência, e voltei a treinar sozinho para respeitar as regras de distanciamento. Hoje vejo que tomei na decisão certa, porque mantive minha saúde física e mental, e em nenhum momento tive algum tipo de pensamento depressivo ou de desespero. É óbvio que a música teve papel fundamental nesse período! A escolha de correr sozinho e num ritmo mais lento abriu espaço para momentos de reflexões durante a realização do exercício, e é nessa hora que começam a surgir alguns trechos de letras e ideias melódicas. Ainda não sou capaz de afirmar com precisão (talvez

nunca seja) o quanto da corrida, o isolamento e da pandemia estão presentes nas minhas composições. Para encerrar esse assunto quero pontuar alguns ensinamentos que a corrida trouxe para minha vida, e por consequência, em minhas composições:

1 – Pensamento focado no longo prazo: O condicionamento físico não é algo fácil e rápido para se obter, exige constância. Consegui enxergar, na prática, a importância de ter uma rotina e que ter paciência é fundamental.

2 – Visão diferenciada de competição: Durante um treino ou uma prova não me comparo com outras pessoas, apenas tento ser melhor do que fui ontem. O prazer de evoluir e superar os obstáculos é o maior prêmio que se pode receber, além de ser o combustível para os próximos desafios.

3 – Disciplina: Aprendi que ter disciplina é fazer o que precisa ser feito, é como assinar um contrato comigo mesmo, é um compromisso intransferível e inadiável.

4 REFLEXÃO SOBRE O SIGNIFICADO DAS APOSTAS ESPORTIVAS EM MINHAS COMPOSIÇÕES:

Não pretendo me alongar muito nesse assunto, pois não o considero tão relevante para o trabalho, e porque necessitaria de um TCC inteiro para ser mais preciso. O que quero trazer aqui são alguns conceitos utilizados por apostadores (alguns preferem ser chamados de investidores) na criação dos seus métodos, formas de estratégias de ação e conceitos, são eles:

1 - Visão de longo prazo:

Uma citação que me marcou muito foi “aposta esportiva é maratona, não uma corrida de cem metros” (Academia das apostas). Achei interessante como esse conceito serve para muitas situações na vida, sempre que buscamos resultados rápidos pulamos etapas e normalmente o resultado não é o esperado.

2 - Ganância:

Nem precisaria falar que apostas estão diretamente ligadas ao desejo de ganhar dinheiro, e nesse ponto li muitos relatos de pessoas que perderam pequenas fortunas (Casa, carro, emprego) motivados pela ganância de enriquecer rápido e por não darem valor para o que já possuíam, e é esse ponto que chamou minha atenção. Muito melhor que o pensamento de adquirir mais é o de dar valor ao que se tem e fazer o possível para mantê-lo, aqui é bom ter cuidado para não confundir prudência com medo de agir, ou por que não, arriscar.

3 - Aproveite as oportunidades:

O mercado de apostas é a disputa entre o apostador e as casas de aposta (Davi contra Golias), ou seja, uma empresa contra uma única pessoa. Vendo desse ponto de vista é fácil entender que, raramente, a casa vai errar, mas sim, ela erra! Sobre esse pensamento ouvi uma frase muito interessante “quando a casa errar em alguma precificação enfia a faca e gira” (Danilo Pereira). Nessa frase,

a intenção não é estimular a violência nem cometer algum tipo de trapaça, o autor está se referindo a algum erro de leitura de jogo das pessoas responsáveis pela casa, e é aqui que encontrei o ensinamento, o de aproveitar a oportunidade quando ela surgir.

4 - Cuidado com o vício, às vezes o melhor a se fazer é não fazer nada!

Esse “ensinamento” é, basicamente, o complemento do anterior. Parte da ideia de que se a casa não está te propondo um bom negócio é melhor ficar de fora. Nesse caso é melhor ficar atento e esperar uma nova possibilidade.

5 COMPOSIÇÃO, ENSAIOS E PLANEJAMENTO

Composição – maio de 2020: Com o objetivo de criar músicas para o EP da banda passei a me dedicar ao processo de escrita e composição de melodias e harmonias. Foi um trabalho diário, no qual registrava tudo com a ajuda do celular. Experimentei estratégias diferentes para compor, alguns dias começando pela melodia, outros pela letra ou pela harmonia. Todas essas formas se mostraram produtivas em algum momento, e como resultado consegui um número maior de músicas do que precisava para o EP.

Chamada de vídeo – agosto de 2020: Utilizei esse recurso para falar das composições e explicar os detalhes de cada uma delas. Optei por chamada de vídeo porque cheguei à conclusão de que esse era o melhor meio possível no momento, lembrando que estávamos em isolamento devido ao covid-19. Foi de grande valia, pois consegui falar sobre as ideias que tinha para cada música. No total foram três encontros.

Ateliê – setembro de 2020 até abril de 2021: Considero essa fase como uma das mais importantes, porque, neste momento senti que estava trabalhando com uma banda, finalmente estava em um ambiente onde me sentia familiarizado. Apesar de todas as limitações relacionadas a estrutura e equipamentos, esses ensaios nos davam a possibilidade de ouvir todos os instrumentos soando ao mesmo tempo, era possível fazer mudanças e experimentações.

Como funcionavam e em quais momentos eles eram realizados:

Decidimos, em conjunto que esses encontros seriam marcados apenas quando alguma música nova surgisse, ou uma modificação relevante em alguma existente. Esse critério foi adotado devido ao covid-19, lembrando que até esse momento a vacina não estava sendo aplicada.

Tínhamos à nossa disposição uma sala, um pad praticável de bateria, uma guitarra, um violão, um contrabaixo, um amplificador de contrabaixo e outro de guitarra. Como ensaiávamos num volume baixo não era necessário amplificar a voz.

Partíamos sempre de alguma gravação mandada anteriormente por mim, normalmente com voz, guitarra e contrabaixo (Aqui vale uma reflexão, um aprendizado que a pandemia me proporcionou e que vou levar para sempre, o hábito de mostrar algum registro da ideia inicial nos dias antecedem o do ensaio. Já tive experiências com outras bandas autorais, e sempre que criava algo novo deixava para mostrar na presença de todos. Por muitas vezes isso causava uma perda de foco e uma confusão geral, porque os músicos tentavam criar algo na hora, mesmo sem ter entendido a proposta de quem a compôs, então palpites eram jogados sem o menor critério e o ensaio se transformava numa fusão entre um jogo de cabo de força e um campeonato de competição sonora). A música era repetida por diversas vezes, até que fôssemos capazes de tocá-la por completo sem parar. Num segundo momento era feita uma gravação (de áudio ou vídeo) com o celular e só após ouvi-la é que discutíamos as partes de forma independente. Essa foi uma estratégia muito boa porque com essa gravação tínhamos uma visão mais clara do que precisava ser melhorado. Por exemplo, na música “não pare” só consegui ter a ideia da introdução e solo durante a semana seguinte a esse registro, tive a sensação de que ela precisava de uma parte diferente, que contrastasse com as demais, consegui esse efeito adicionando um riff com Overdrive, uma linha de baixo e bateria dobrando-a em vários momentos. Algo semelhante aconteceu com a música “causa e efeito”, precisávamos de algo quebrasse o padrão que vinha acontecendo, mas dessa vez optei por um riff mais cadenciado, repetitivo e sem tanto movimento. A partir desse raciocínio cheguei em uma das linhas de guitarra que foram para a gravação final, engraçado que nesse período ele seria o riff principal, porém, na fase seguinte dos ensaios ele ficou em segundo plano, o que costumeiramente chamamos de base, ou seja, assumiu uma função mais harmônica que melódica. Explicarei com mais detalhes quando for falar sobre os ensaios na garagem. Essa fase da banda durou aproximadamente cinco meses e foram compostas nove músicas.

Garagem – maio até novembro de 2021: Em maio de 2021 já estávamos com nove músicas nossas no repertório, foi então que senti a necessidade ouvi-las com uma bateria completa, não com o som dos pads, e com volume mais próximo ao de um ensaio feito numa sala de estúdio. Cheguei à conclusão que era possível, e seguro, nos reunirmos na garagem do meu irmão, pai do José. Esse foi o momento que soubemos, realmente, como as músicas estavam soando. O uso da bateria acústica modificou nossa percepção sobre as músicas, sentimos que o conjunto tinha uma sonoridade de banda de rock, mesmo quando estávamos tocando reggae. Foi nesse instante que assumi uma identidade mais pesada e suja com relação aos timbres de guitarra, passei a usar uma saturação mais carregada em todas as músicas. Ouvimos alguns comentários do tipo “- mas isso é um reggae?”, “- reggae tem essas partes quebradas mesmo” ou ainda, “-ué, reggae com pedal duplo?” Não estávamos nos importando com isso, estávamos felizes com o resultado e com todo o processo. Ainda mantínhamos o hábito de nos gravar, mas agora com uma placa de dois canais e dois microfones condensadores. O propósito dessas gravações era o mesmo das

feitas com celular, apenas para nos escutarmos durante a semana. Em uma dessas audições senti vontade de trabalhar com efeitos na guitarra, como delay, reverb e wah-wah. Acredito que essas ideias só surgiram porque tive a possibilidade de escutar os ensaios, e esse foi outro ensinamento aprendido nesse período, esse exercício de ficar imaginando frases, ambiências e combinações de timbres acrescentaram muito no meu processo de criação e produção. Percebi que é possível usar os efeitos para “colorir” o arranjo e que também é possível usá-los como ferramenta para a criação, ou seja, compor a partir deles. Nesse período ainda compus mais duas músicas, e já estávamos com onze no total. Era então o momento de começarmos a pensar no EP.

Pré-produção (Ensaio gravado no estúdio) – novembro de 2021: Selecionamos, em conjunto, as faixas pelo critério de representatividade, ou seja, as que demonstravam nossas melhores e principais características. No início as escolhas foram bem difíceis de serem feitas, então optamos por selecionar sete músicas e, aos poucos, através de ensaios gravados e conversas, decidimos as três que comporiam o EP, e foram elas:

Não pare: O trabalho instrumental dela exhibe nossas duas principais influências musicais, o rock e o reggae. Inclusive essa mistura rendeu algumas piadas durante os ensaios, definimos ela como reggaemetal.

Causa e efeito: A música que dará nome ao EP tem um estilo de reggae mais próximo do tradicional, com um andamento lento e com uma abordagem mais marcante de delay e reverb, porém, sem perder a conexão com a primeira, pois também apresenta uma variação rítmica.

Estar de fora: a última faixa foi escolhida para representar o lado mais roqueiro da banda. A utilização de efeitos como o fuzz e a distorção, aliados a afinação mais baixa do bordão, de mi para ré, tornam a música mais pesada e fecham o EP de uma forma diferente da qual começou.

Então antes de entrarmos efetivamente no estúdio para a gravação achamos necessário fazer o registro de um ensaio, o objetivo era ter uma prévia das músicas com uma qualidade mais próxima da ideal, ao mesmo tempo conhecer o estúdio, a sonoridade dos amplificadores, da sala, e apresentar o repertório para o produtor. Alugamos o estúdio por quatro horas, duas para passar o som e gravar, mais duas para alguns ajustes de volume, cortes de ruídos e vazamentos. Vale salientar que o objetivo não era utilizar essa gravação para a divulgação da banda. Devido a qualidade da captação, essa gravação nos permitiu ter uma noção muito boa de como ficaria o trabalho no final, e foi a partir dela que criei várias linhas de guitarra, escolhas de timbres, variações de dinâmica, andamento e repetições. Alguns dias depois ensaiamos na garagem novamente e gravamos as guias, algumas músicas apenas com a guitarra, outras achamos necessário incluir o contrabaixo.

6 LETRAS E COMENTÁRIOS

Letra da Música 1:

Não pare

Se tentam esconder a verdade

Se querem a todo custo lhe enganar

Lembre-se que o bem prevalecerá

E não pare, não pare, não pare

Por quanto tempo ainda vamos ter que ver

Pessoas esperando pelos homens do poder

Encare a realidade, estamos só

Seguir em frente

Sentindo a liberdade de escolher por onde andar

E a cada dia ser melhor

Crescer sem derrubar ninguém

Plantar para colher depois

Amor e paz

Essa letra foi totalmente inspirada no momento que vivíamos, estávamos afastados da família e amigos, sem a possibilidade de estudar, trabalhar e, em alguns momentos, de estar na rua com segurança. A desinformação era propagada e altamente difundida por todos os meios possíveis. Uma onda de medo e incerteza atingiu o mundo. Ver as pessoas se desesperando e ficando deprimidas foi a minha motivação para escrever essa letra. Mais de um ano depois é possível constatar quanto transtorno e sofrimento poderiam ter sido evitados caso algumas pessoas admitissem que estavam lidando com algo muito sério e agissem com honestidade e respeito à vida. A música foi criada depois da letra, decidi fazê-la no estilo reggae porque queria passar uma mensagem de otimismo, algo que soasse forte, porém sereno. Acredito que só consegui ter esse efeito depois que passei a misturar passagens com riffs de rock, o uso de Overdrive e linhas melódicas com movimentos rítmicos diferentes.

Análise da parte instrumental:

A introdução é tocada com a dinâmica forte, o riff principal, feito com power chord (bicordes formados por tônica e quinta) ajuda a dar a energia necessária para esse início. O baixo e a bateria reforçam a guitarra, dobrando alguns trechos (tocando em uníssono, no caso do baixo, e marcando os tempos fortes, no caso da bateria). Quando entra a voz a dinâmica cai e ela fica em evidência. O riff inicial é apresentado novamente, dessa vez com a presença da presença da letra e logo na sequência as pausas alteram o ritmo e preparam para o solo. Decidi que para esse trecho seria mais interessante uma passagem feita pela banda, ao invés de um improviso de guitarra feita sobre a harmonia de alguma parte da música. Então decidimos trabalhar sobre a perspectiva das divisões rítmicas. Trabalhamos da seguinte forma: O baixo faz uma figura rítmica (semínima ou colcheia), a guitarra faz outra que vale metade (semicolcheia) e a bateria faz o mesmo com a guitarra em alguns momentos, e em outros, toca motivos rítmicos diferentes (paradiddle). Depois do solo, toda a parte cantada é repetida e um riff feito com Overdrive encerra a música.

Estrutura:

Introdução

Parte A

Parte B (riff da introdução)

Parte C (Refrão)

Solo

Introdução (sem os power chords)

Parte A

Parte B (riff da introdução)

Parte C (Refrão)

Final

Letra da música 2:

Causa e efeito
Viver é causa e efeito
Causa e efeito
Viver é causa e efeito, causa e efeito
É causa e efeito

É tanta gente vagando por aí
E eu falando aqui
Erga-se, mova-se
É tanta gente esperando sem
E eu cantando aqui
Mecha-se

A verdadeira atitude consiste em mudar a si próprio
Ao invés de sair por aí apontando possíveis culpados
Você é o fruto da semente que plantou
Se não gostou erga-se, mova-se

Viver é causa e efeito
Causa e efeito
Viver é causa e efeito, causa e efeito
É causa e efeito

É tanta gente vagando por aí
E eu falando aqui
Erga-se, mova-se
É tanta gente esperando sem
E eu cantando aqui
Mecha-se

Fomos levados pela promessa de prosperidade
Um alívio falso e passageiro vendido por realidade
A cidade cresceu e por trás da porta
O ser humano esqueceu o que mais importa

Moro na cidade de Esteio, cito isso para explicar que em alguns horários as ruas ficam bem vazias e mal se vê carro passando por alguns bairros. Nessa época costumava sair para correr o mais tarde possível, para evitar passar perto de qualquer pessoa. A melodia da primeira parte dessa música surgiu durante um desses treinos. Ela veio acompanhada de uma ideia de linha de contrabaixo. Quando retornei para casa gravei as duas melodias e só fui escutá-las no dia seguinte. Alguns dias depois estava assistindo uma palestra, num canal do youtube chamado Nova Acrópole, e a palestrante falava sobre os capítulos do livro O Caibalion, um desses capítulos chamou minha atenção, o nome era causa e efeito. A mensagem era, resumidamente, que cada pessoa era responsável pelo que aconteceu na sua própria vida, tudo era fruto das suas ações, e já que não podemos mudar o passado devemos focar no presente porque ele influenciará o nosso futuro.

Análise da parte instrumental:

A música começa com a guitarra tocando um acorde, utilizo uma técnica de mão esquerda, combinada com palhetada alternada, que juntas dão um efeito de trêmolo. Em seguida faço o riff sobre a harmonia da primeira parte, num ritmo de reggae, juntamente com a banda. A primeira parte é cantada sobre essa mesma harmonia. Na sequência, a voz assume uma característica mais falada e o ritmo é feito com acordes de duração mais longa, que servem como uma “ponte” para retornar à introdução. Novamente optamos por um solo feito em grupo, apesar de que nessa vez a guitarra assume um papel de maior importância. A ideia de mudar o ritmo de reggae para hip hop durante o solo surgiu durante um ensaio, achamos a troca coerente porque a música já havia apresentado um trecho com a voz falada. Após o solo repetimos toda a música e terminamos repetindo a introdução.

Estrutura:

Introdução

Refrão

Parte A

Parte B (parte falada)

Introdução

Solo

Introdução

Refrão

Parte A

Parte B (parte falada)

Introdução/final

Letra da música 3

Estar de fora

Quem fala demais se enrola

Quem pensa demais no agora esquece que a conta vêm

Quem não sabe ler o jogo

Cai no desespero e o fogo queima tudo de uma vez

Preciso admitir o meu medo de cair

Nos seus braços outras vez

O meu muito ainda é pouco

Ligado o tempo todo

À espera de quando agir

Fico exposto o tempo todo

Hora de sair

Quem conta com a sorte chora
Quando está por baixo implora
De mãos levantadas pro céu
Quis passar por cima de tudo
Logo ali na frente o tombo
Sem base não se mantém

Preciso admitir o meu medo de cair
Nos seus braços outras vez
O meu muito ainda é pouco
Ligado o tempo todo
À espera de quando agir

Fico exposto o tempo todo
Hora de....

Estar de fora pode ser a grande escolha que eu fiz, que eu fiz

Essa letra foi totalmente inspirada em conceitos que vi serem abordados no mercado de apostas esportivas. A ideia de que, muitas vezes, o melhor a ser feito é não fazer nada, é muito mencionada por apostadores profissionais. Você precisa estar atento para reconhecer uma boa oportunidade e agir da melhor maneira possível, entender isso vai te fazer capaz de estabelecer critérios e estratégias. Então, se a oportunidade não vier é melhor ficar de fora até que algo bom apareça. Explorando esse meio encontrei muitas histórias de pessoas que pensaram ter encontrado uma forma infalível de trabalhar, e conforme foram ganhando confiança, começaram a arriscar de forma exagerada e acabaram perdendo tudo que haviam conquistado. Outro problema que encontrei nesse meio, talvez o maior deles, é o vício. Infelizmente algumas pessoas se descontrolam e mesmo perdendo não conseguem parar. É comum encontrar relatos de apostadores que tentaram recuperar a quantia perdida e acabaram se afundando ainda mais, perdendo emprego, bens materiais e acumulando dívidas de valores absurdamente altos. A principal mensagem que quero passar com essa letra é a de que precisamos ter cuidado com nossas fraquezas, todo mundo

possui algum tipo de vício, pode ser o de consumir álcool, remédio ou algum alimento. Se formos mais além, o vício pode ser o da preguiça, o da vitimização, o da autossabotagem, enfim, a lista é bem extensa.

Análise da parte instrumental:

A introdução é feita pelos três instrumentos (baixo, bateria e guitarra), tocando notas longas com uma dinâmica bem expressiva. Tocamos assim para chamar a atenção do ouvinte, para criar nele uma expectativa de que algo vai acontecer. Então o baixo e a bateria fazem uma pausa de quatro compassos, deixando que só a guitarra faça o riff principal. Novamente faço o uso de power chord para reforçar a melodia do riff. A voz começa sobre esse mesmo riff mas na segunda parte a linha da voz muda e é dobrada, em uníssono, pela guitarra. Trata-se de uma frase em pentatônica. Logo em seguida é feita uma ponte de oito compassos e retornamos para a primeira parte. Tudo é repetido, porém, no final da ponte a guitarra faz uma pausa de quatro compassos, deixando apenas a linha do baixo ser tocada, junto com a bateria. Esse trecho funciona como a preparação para o solo da guitarra, feito sobre o riff principal do baixo. Depois do solo repetimos a segunda parte, da pentatônica, e a ponte, dessa vez, leva para os acordes da introdução, onde a música termina.

Estrutura:

Introdução

Parte A

Parte B

Ponte

Parte A

Parte B

Ponte

Solo

Parte B

Ponte

Introdução (final)

7 ETAPA FINAL

Gravação – novembro e dezembro de 2021: Começamos em novembro, sempre nos finais de semana e feriados, porque assim tínhamos a possibilidade de fazer tudo com calma e em longas sessões. Nos dois primeiros dias foi gravada a bateria e foram utilizadas as guias preparadas anteriormente. Optamos por gravar várias vezes a mesma música e depois escolher o melhor take, refazendo alguns trechos, mas sempre tendo cuidado para que a bateria não perdesse a continuidade ou a sonoridade que tínhamos em mente. Percebemos que quando a bateria era gravada em partes muito curtas a dinâmica se perdia, então gravamos trechos longos e refizemos apenas as partes onde era muito necessário a correção. Essa foi a parte mais difícil da gravação porque a guia não entregava uma sensação real da música e foi graças as memórias dos ensaios anteriores que o Anderson conseguiu imprimir as dinâmicas corretas para cada faixa. Nesse momento me dei conta da importância de todos os processos anteriores, nossas conversas e gravações, que por mais amadoras que fossem, acabaram moldando e fixando os detalhes na nossa mente. Após o término da gravação da bateria passamos essas faixas para o José, que ensaiou por uma semana com a guia, já com a bateria. Isso possibilitou que o contrabaixo fosse gravado em apenas uma sessão. Nesse momento a faixas com contrabaixo e bateria foram passadas para mim. Ensaiei com elas por duas semanas, criando outras linhas, testando timbres. Gravava tudo com o celular, e essas gravações eram compartilhadas com o Anderson e o José, e tudo era discutido. Esse foi um momento muito rico de aprendizagem, as experimentações de timbres e efeitos enriqueceram as músicas e fizeram toda a diferença no resultado. Passada uma semana entrei no estúdio para a gravação. Precisei de dois dias para gravar porque decidi dobrar muitas guitarras, além disso experimentei vários timbres no mesmo trecho até escolher um. Considero que minha parte foi a mais divertida porque já gravei com baixo, bateria e sem a guia inicial. A sensação era de estar tocando nossas próprias músicas com uma backing track de excelente qualidade, e de fato estava! Gravadas as guitarras finalizamos a voz poucos dias depois. Também precisei de duas sessões, e no dia 14 de dezembro havíamos finalizado tudo.

Caminho da gravação da guitarra:

Amplificador de guitarra Princeton reverb de 60W, microfonado por um shure 57 na frente do falante e um condensador M-audio Luna de home, os dois entrando no pré-amplificador behringer valvulado tube ultragain e indo para a mesa de som, yamaha 2404 ano, 1983, em seguida entrando na placa de áudio, uma digidesign 002, e por fim, chegando no protocols.

Caminho da gravação do contrabaixo:

O som foi captado de duas formas, por microfone e em linha, sendo a segunda mais aproveitada no final.

Por microfone: Amplificador de contrabaixo Marshall B65 de 60W, microfonado por um shure 57 na frente do falante e um condensador M-audio Luna de home,

os dois entrando no pré-amplificador e indo para a mesa de som, em seguida entrando na placa de áudio, uma, e por fim, chegando no protools.

Em linha: O contrabaixo não passou pelo pré-amplificador, indo direto para a mesa e seguindo o mesmo caminho da forma anterior.

Caminho da gravação da bateria:

Todos os microfones foram ligados diretos na mesa de som, em seguida foram para a placa de áudio e para o protools.

Caminho da gravação da voz:

A voz foi captada por dois microfones, o condensador da M-audio bem na frente e pelo shure 57 afastado, na função de sala (over), os dois entrando no pré-amplificador e indo para a mesa de som, em seguida entrando na placa de áudio, uma, e por fim, chegando no protools.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Através desse trabalho foi possível detalhar todas as etapas que fazem parte da gravação de um EP. O projeto começou em 2020, sem músicas, nem músicos, não tinha em mente nem o estilo. Foi de inestimável valia ter tido a oportunidade de planejar todas as etapas e vê-las funcionando e avançando, na maioria das vezes, sem grandes problemas, foram elas:

A definição dos gêneros

Para chegar no resultado, fiz uma pesquisa no meu histórico do spotify, no acervo de cd's e memórias da infância e adolescência. Não foi difícil decidir que trabalharia as composições nos estilos rock e reggae.

A criação de melodias e harmonias

Comecei a trabalhar diariamente, com o auxílio do celular criei um acervo de ideias, que aos poucos foram se transformando em esboços de canções. Nesse período experimentei estratégias diferentes para compor, chegando a usar apenas avoz.

Escrita das letras

Esse exercício foi o mais revelador, porque através dele aprendi a criar letras diretamente ligadas as atividades comuns do meu dia a dia, como corrida e leitura. Dessa forma todos os textos escritos faziam muito sentido para mim, e esse fator trouxe confiança e vontade para seguir escrevendo.

Planejamento dos arranjos

Decidi que a banda seria composta de três pessoas, mas a gravação teria mais linhas de guitarra, e desde o princípio compus com a ideia de duas ou mais guitarras. Trabalhei muito na procura de efeitos, vindos de pedais analógicos, para usar na guitarra, e passei a criar os arranjos em função deles.

Planejamento dos ensaios

Essa etapa foi muito atrapalhada pela pandemia. Tivemos de ensaiar em locais não apropriados e com um número de equipamentos reduzidos. A maior dificuldade foi planejar os arranjos se ter a bateria nos ensaios, e nesse ponto, a experiência do Anderson foi fundamental, porque através de conversas, e escuta das gravações dos ensaios, feitas no celular, conseguimos criar as linhas de bateria, sem que houvesse a necessidade de grandes ajustes no futuro, quando ensaiamos com a bateria acústica completa. Nessa época seria muito interessante ter uma bateria eletrônica.

Pré-produção

Ela foi feita em um dia. Alugamos o estúdio por quatro horas, utilizamos duas para passar o som e gravar, e duas para fazer alguns ajustes de volume e equalizações. Levamos essas gravações para escutá-las em casa, e através delas, decidimos as dinâmicas, andamentos, timbres e estrutura das músicas. Essa gravação foi fundamental para chegarmos no resultado, percebemos tudo que estava funcionando bem, e o que precisava de modificações.

Gravação final

Gravamos o EP em sete sessões, cada uma com aproximadamente seis horas, e pagamos o valor de 500 reais por música. De uma forma geral, o projeto foi bem-sucedido, porém, com algumas mudanças ele teria se saído melhor, por exemplo, a aquisição de uma bateria eletrônica no início do processo, para a elaboração dos arranjos e a realização de ensaios on-line, e a ampliação da pré-produção, podendo ser feita em dois dias.

Lista de referências

Guest, Ian. Arranjo, 2009.

Trismegisto, Hermes. O Caibalion, 1978.

Ramos, Josué. O lado psicoemocional na hora de apostar. Acessado em <https://www.academiadasapostasbrasil.com/blog/2019/11/o-lado-psicoemocional-na-hora-de-apostar>, 25 de novembro de 2019.

Grohl, Dave. Sound City. Acessado em https://www.youtube.com/watch?v=EV_FOdMtos0, Novembro de 2013.

Kleon, Austin. Roube como um artista. 1 de julho de 2013.

LISTA DE EQUIPAMENTOS E SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS:

Joyo D-Seed 2 - Stereo Delay

Descrição técnica:

Input e output stereo;

8 modos de delay com tempo máximo de 2000ms;

Controles: Type, Time beat ou Looper.FX, Level, F.back ou Looper, Tone, PingPong toggle, Favorite ou Rec/dub, Bypass ou Play/Stop;

Função Looper;

Função Tap tempo;

Função Favorite – permite salvar as suas tonalidades favoritas.

Impedância de entrada: 2,2 Mohm

Impedância de saída: 100 Ohm

Consumo de corrente: 220 mA

Voltagem de operação: 9V (centro-negativo)

Dimensões: 10,5x4,6x10,5 cm

Peso:555g

Pedal guitarra Joyo Multimode wah e volume

Descrição técnica:

Chaveamento: True by-pass (apenas no modo Wah)

Dimensões: 16 x 6,3 x 5,5 cm

Knob quality: para ajuste de tonalidade

Frequência 6 faixas de frequência

Dimensões: 16 x (6,3+1,2) x 5,5 cm (incluindo knobs)

Voltagem de operação: 9V (centro-negativo)

Impedância de entrada: 2,2 Mohm

Impedância de saída: 100 Ohm

Consumo de corrente: 18 mA

Pedal guitarra Joyo multi-mode overdrive – BAATSIN

Descrição técnica:

Dimensões: 12,5 x 7,8 x 4,8 cm

Impedância de entrada: 470 Kohm

impedância de saída: 470 ohm

8 tipos de overdrive

Consumo de corrente: 30 mA

Voltagem de operação: 9V DC (centro negativo)

Chaveamento: True Bypass

Pedal guitarra multi modulação – Vision

Descrição técnica

Modelo: R-09

Entrada: 2x 1/4" (P10) mono

Impedância de entrada: 1M Ohm

Saída: 2x 1/4" (P10) mono

Impedância de saída: 100 Ohm

Sample Rate: 44,1 K

Sampling accuracy: 24 bit

Chaveamento: True Bypass

Alimentação: 9V DC (centro negativo)

Consumo de corrente: 170 mA

Dimensões: 13 x 11 x 5 cm

Peso: 425 g

Red Briton Distortion – Tone Ink

Descrição técnica:

Chave de punch: Os 3 voices de "Punch" (BB, Guv e Angry)

Chave de compressão: Os 3 tipos de Compressão determinam o *headroom* e a textura da distorção, posterior ao estágio de amplificação, através do controle de clipagem.

Simulações: 100w proporciona mais headroom, mais volume e menos compressão; 50w uma posição intermediária; 25w bastante compressão, satura com facilidade, e menos volume que pode ser tranquilamente compensado ajustando o knob de volume.

Equalizador: controles de grave, médio e agudo.

Alimentação: 9 a 18v DC (centro negativo) (“padrão Boss”)

Consumo: 30mA

Dimensão do pedal: 6,7x6,1x12,7cm (LxAxC).

Peso: 490g aprox.

Devices Data Corrupter - Earthquaker

Descrição técnica:

Função: Harmonização analógica monofônica com modulação

Tecnologia Flexi-Switch: Este estilo de comutação true bypass baseado em relé permite que você use simultaneamente comutação de estilo momentânea e travada.

Dimensões: 5,65 x 4,75 x 2,25 pol. (144 x 121 x 57 mm) com botões

Consumo de corrente: 26 mA

Fuzz Moo Fuzz Distortion – Moen

Som fuzz: semelhante ao de violino

Sustentação: Extremamente alta

Botões: Nível, tom e Sustentação

Gabinete: Metal sólido

Função: bypass

Dimensões: 142x98x37

Impedância de entrada: 500 K ohm

Impedância de saída: 10 k ohm

Alimentação: DC9V

Fonte isso 10 – Mosky

Especificações:

Material: liga de alumínio

Adaptador de energia: ac 100-240v, 50/60hz

Adaptador de alimentação: entrada-100-240v 50/60hz, saída-dc 12v 2.5a

Entrada de energia: dc 12v

Saídas de potência: 9v 300ma; 9v 500ma; dc 9v/12v/18v 500ma

Saída usb: 5v

Dimensões: 17.2*7*3.2cm/ 6.8*2.8*1,3 pol.

Peso: 320g/ 11.3oz

Guitarras: Tagima E2 e Tagima Les Paul, série especial do ano de 97.

Contrabaixo: Jackson PS5

Bateria: custom, pratos Orion (série Revolution pro) e Krest (N séries)